

DA MARGEM AO CAMINHO (Mt 20,29-34)

A misericórdia como caminho de inclusão

Paulo F. Valério

Introdução

É sabido que o ser humano é chamado à comunhão, ao convívio fraterno com o outro, com o diferente. No entanto, paradoxalmente, criam-se mecanismos de exclusão, formam-se guetos, solidificam-se a indiferença e a insensibilidade de alguns em relação a muitos, os quais terminam à margem da vida.

Mt 20,29-34, embora seja uma perícopie brevíssima, revela-se rica de nuances e significados profundos, prestando-se bem a ilustrar a situação mais comum das relações humanas – a exclusão – e a indicar o caminho de superação de tal deficiência: a compaixão.

Nesta análise, nos serviremos da contribuição sobretudo da análise narrativa, que se aplica bem ao texto em questão. A comparação com os demais evangelhos sinóticos (Mc 10,46-52 e Lc 18,35-43) ajudará a perceber as particularidades de cada um e cada elemento sublinhado por Mateus.

A intenção é tornar clara a mensagem do texto: em sua atuação como Messias, ao contrário de um ídolo que se deixa admirar e servir, distanciado das pessoas, especialmente dos pobres e excluídos, Jesus mostra-se e age como o Messias servidor, cheio de misericórdia e compaixão, como aquele que veio para servir e dar sua vida por muitos (cf. 20,28).

1. Texto de Mt 20,29-34

²⁹Enquanto saíam de Jericó, uma grande multidão o seguiu. ³⁰E eis dois cegos, sentados à beira do caminho. Ouvindo que Jesus passava, gritaram dizendo: “Tem compaixão de nós, Senhor, filho de Davi!” ³¹A multidão repreendeu-os para que se calassem. Mas eles gritavam ainda mais alto dizendo: “Tem compaixão de nós, Senhor, filho de Davi!” ³²Jesus parou, chamou-os e disse: “Que quereis que vos faça?” Responderam-lhe: ³³“Senhor, que os nossos olhos se abram!” ³⁴Movido de compaixão, Jesus tocou-lhes os olhos e, imediatamente, eles viram. E o seguiram.

2. Observações preliminares

Curiosamente, Mateus narra a saída de Jesus de Jericó sem ter informado que ele havia entrado nessa cidade. Isso se explica pelo fato de Jesus estar a caminho de Jerusalém, onde entrará de maneira cuidadosamente preparada. Ao longo desse percurso, Jesus não ‘entrava’ propriamente nos lugares; apenas ‘passava’ por eles. Sua entrada,

última e definitiva, seria em Jerusalém. Por isso é que, se o texto de Marcos informa: “Chegaram a Jericó” (Mc 10,46), sem acrescentar mais nada, o faz para ressaltar que se tratou apenas de uma passagem, pois logo continua: “Ao sair de Jericó...”

A perícopie em questão tem seus contornos bem delimitados por uma mudança de cena, assinalada pela expressão ‘de Jericó’, onde a preposição ‘de’, usada em referência à mudança de lugar, só reaparece aqui depois de Mt 19,1.

O advérbio de tempo ‘quando’ aparece em Mt 21,1, assinalando o começo de outro trecho, reforçado pela menção de duas outras localidades: Jerusalém e Betfagé. Ademais, existe um elemento quiástico formado pelo verbo ‘seguir’, que serve de moldura ao episódio: no início, a multidão *segue* Jesus (v. 29); no final, os cegos recém-curados *seguem* Jesus (v. 34).

3. Algumas particularidades

Vale a pena deter-se em alguns elementos específicos do texto de Mateus: com certeza eles podem ajudar a compreendê-lo melhor.

3.1. A dualidade em Mateus

Nesta passagem, Mateus repete um esquema que lhe é peculiar, já visto em outros passos: encontramos, mais uma vez, diante de *duas pessoas* que acabarão por seguir a Jesus (o texto imediatamente anterior – Mt 20,20-21 – traz o pedido da mãe de *dois irmãos*, ao passo que no texto sucessivo – Mt 21,21s – Jesus envia *dois discípulos* a sua frente, ao próximo povoado¹.

No uso freqüente da palavra *dyo* em relação a pessoas (15 vezes), pode-se ver talvez a intenção do evangelista em colocar sempre *duas pessoas* como o mínimo de testemunhas necessárias para os fatos².

3.2. Uso dos verbos

O caixilho que enquadra a perícopie é o significativo verbo ‘seguir’. Estando Jesus sobre a via que o leva a Jerusalém, portanto enquanto *caminhava* rumo à Cidade Santa, os verbos que indicam *movimento*, portanto, são bastante numerosos. Podemos dividi-los em dois grupos:

1. Ao que parece, a palavra *dyo* é particularmente cara ao evangelista Mateus: utiliza-a 40 vezes. Lucas é o segundo evangelista que a usa com freqüência (28 vezes). Quando usada em referência a pessoas, por vezes Mateus coloca os nomes e acrescenta a palavra *dyo* (Mt 4,18.21), outras vezes omite os nomes e insere apenas a palavra *dyo* (Mt 20,21.24; 26,37; 27,21); lá onde Marcos e Lucas trazem apenas uma pessoa, ele apresenta duas (Mt 8,28; 9,27; 20,30); reduz a *dyo* os “alguns” de Mc 14,57, e traz textos específicos de seu evangelho que se referem a duas pessoas (Mt 18,16.19.20; 21,28.31).

2. BONNARD, P. *Evangelio Según San Mateo*, p. 445.

3.2.1 Verbos que indicam movimento espacial

Jesus e os discípulos³ *saem* de Jericó; a multidão *desloca-se seguindo* Jesus; Jesus *passava* pela estrada, dirigindo-se a Jerusalém. “Jesus parou”, ou seja, ‘faz o movimento’ de parar⁴. Ao parar, Jesus *chama* os cegos. Este chamado é mais do que um simples pronunciar nomes; com efeito, os cegos são anônimos. O chamado de Jesus é, de certa forma, um atraí-los a si, diríamos, um *deslocá-los* para si. De fato, embora não esteja explícito no texto, os cegos moveram-se e se aproximaram: somente assim Jesus podia conversar com eles e tocar-lhes os olhos. Jesus *toca* os olhos dos cegos. No início da perícopes, o verbo ‘seguir’, no singular, refere-se à multidão; no final, no plural, refere-se especificamente aos que eram cegos. O movimento aqui adquire um matiz todo especial, pois os que ora se *movem* são os que estavam *imóveis*. No mais, Jesus retoma o movimento de caminhar e a multidão, o de segui-lo.

3.2.2 Verbos que indicam movimento do espírito

“Ouvindo que Jesus passava” – sendo obrigados a perceber as coisas somente com o ouvido, de modo geral os cegos têm o sentido da audição mais desenvolvido do que aqueles que podem ouvir normalmente⁵. “Gritaram dizendo” – também nesse caso, o erguer a voz para gritar é considerado como certo movimento que conhece um *crescendo* no versículo seguinte: “Mas eles gritavam *ainda mais alto*”. “Tem compaixão...!” sugere, de certa forma, um movimento em direção aos cegos. Ter misericórdia não indica um ‘possessivo’ (algo como ter um sentimento, uma emoção diante da miséria dos outros); ao contrário, é um clamor a que Jesus *se (co)mova* a fazer algo por eles⁶. “Chamou”: este verbo encerra também uma forte noção de movimento espiritual: aquele que é chamado sente todo o seu ser *comover-se*. Apenas podemos imaginar a comoção interior daqueles cegos que, marginalizados e excluídos, de repente sentem-se chamados por ninguém menos que o próprio Jesus, o Senhor, o Filho de Davi a quem haviam apelado. “Que quereis...?”: Querer é buscar (latim: *quaeso*), é ter um propósito: o ‘movimento’ da vontade. “Movido de compaixão” – é o verbo mais denso espiritualmente: significa sentir moverem-se as próprias entranhas; Jesus é movido pela compaixão. “E o seguiram”: depois dessa experiência de diálogo, compaixão e inclusão, o seguimento da parte dos cegos não pode significar apenas um acompanhar Jesus geograficamente: tocados por Jesus, eles agora o seguem também espiritualmente.

3. Se a multidão também se inclui nesse genitivo absoluto é uma questão à qual acenaremos mais adiante.

4. Mateus e Marcos usam um particípio *ativo (stas)*, ao passo que Lucas usa um particípio *passivo (statheis)*.

5. Pode-se, assim, compreender melhor nossa escolha deste verbo como um verbo de *movimento*: existe toda uma atenção da parte de quem é cego em relação àquele com quem ele conversa.

6. BONNARD, P. *Evangelio Segun San Mateo*. Madri: Ediciones Cristandad, 1976, p. 386: “Nada demonstra melhor este caráter concreto da compaixão ou da misericórdia divinas do que o fato de que o mesmo termo designa a esmola. No culto cristão, o *Kyrie* corre o risco de perder, às vezes, este acento bíblico para expressar tão-somente uma vaga nostalgia religiosa”.

3.3 *Contraste*

Convém notar a tensão entre os movimentos internos do trecho: no primeiro plano, encontramos Jesus, os discípulos e a multidão que *passam*; depois, temos os dois cegos que se encontram *sentados* e, portanto, não se movem de forma alguma: estão à margem do caminho.

Os cegos querem levantar-se, entrar no caminho, mas a multidão, expressamente, deseja que eles permaneçam em sua situação de imobilidade e de marginalização.

As expressões “puseram-se a gritar”, “gritavam ainda mais alto” e “chamou-os” contrastam com “disse”, “responderam”: no primeiro caso, denotam a *distância* espacial entre Jesus e os cegos: no segundo, ao contrário, a *proximidade* e o diálogo (cf. o comentário, mais adiante).

4. *Estrutura*

A perícopete mateana da cura dos dois cegos está inserida no amplo contexto da subida de Jesus para Jerusalém. Vem precedida imediatamente pelo pedido da mãe de João e Tiago, e pelo ensinamento de Jesus acerca do ser servo; é seguida da entrada de Jesus em Betfagé e, depois, em Jerusalém, sua meta final.

O *tema* e objeto da perícopete é anunciado justamente nos versículos finais da perícopete precedente, especialmente no v. 28, onde Jesus conclui o discurso a respeito do serviço, aplicando-o ao Filho do Homem, ou seja, a si mesmo.

O relato da cura pretende claramente ilustrar este ensinamento de Jesus e a afirmação acerca do Filho do Homem. Por certo não existem contatos textuais evidentes no tocante ao *vocabulário*. Por exemplo, as palavras “ministro”, “servo”, “ser servido”, “servir” (Mt 20,26.27.28) não se encontram na perícopete analisada. Contudo, outras expressões ligam-na com o tema anunciado (o do serviço) em 20,25-28: a *situação* dos cegos e marginalizados e o grito que elevam a Jesus são um pedido explícito de ajuda, de *serviço*: “tem compaixão de nós!” A reação negativa da multidão pode ter alguma ligação com a atitude dos chefes das nações (v. 25), cuja conduta Jesus admoesta seus discípulos a evitar.

Ainda na linha do *serviço*, situa-se a pergunta de Jesus (além disso, mais precisa do que a precedente, no v. 21 – “Que queres?” – dirigida à esposa de Zebedeu): “Que quereis que vos faça?” É a pura disponibilidade para o serviço, a disposição para fazer qualquer coisa em favor do outro. A seguir, temos o gesto de serviço concreto de Jesus: sua comoção e o toque que devolve a vida aos cegos.

Note-se que a perícopete não esgota toda a riqueza da profunda afirmação de Jesus no v. 28. Na cura dos cegos, Jesus deu um pouco de si mesmo por eles, mas seu serviço às pessoas alcançará seu vértice em Jerusalém, com a morte e com a ressurreição.

Percebemos, assim, uma profunda coerência entre aquilo que identificamos como o *tema* em Mt 20,25-28 e a ilustração concreta em Mt 20,29-34.

Enquanto ilustra o tema anunciado, a perícopa da cura dos cegos contém também elementos que servem de gancho com o que se segue (por ex., “Senhor”, “Filho de Davi”, “multidão”): na perícopa seguinte, esses elementos são retomados e desenvolvidos de alguma forma, ressaltando sobretudo o *caráter messiânico* da entrada de Jesus em Jerusalém (cf. adiante a função do texto do contexto).

4.1. Gênero literário

No que diz respeito ao *gênero literário*, que é outro indício útil para compreender a estrutura da perícopa, observamos que em Mt 20,29-34 existe certa alternância, bastante comum nos relatos, entre *narrativa e discurso direto*.

No v. 29 é retomado o fio narrativo depois do fim do discurso de Jesus (v. 28), seguindo-se a alternância com discursos diretos. Estes elementos, juntamente com a inclusão nos v. 29 e 34 mostram-nos que a perícopa tem uma estrutura simétrica (quiástica) do tipo A-B-B'-A'.

A Parte narrativa (*mise en scène*: o cenário): v. 29-30a

B Discurso direto – “narrativa” – discurso direto: v. 30b-31.

B' “Narrativa” – discurso direto – discurso direto: v. 32-33.

A' Parte narrativa (conclusão): v. 34.

A correspondência simétrica A-A' é facilmente percebida pela forma narrativa dos versículos e também pelo verbo *seguir*, ao passo que entre B-B' encontra-se *acima de tudo* (mas não somente) no interior das cenas, não tanto na forma exterior do texto.

Na forma *externa*, temos em B um discurso direto: *Senhor, filho de Davi, tem compaixão de nós*, e duas frases narrativas: *A multidão repreendeu-os para que se calassem. Mas eles gritavam ainda mais alto*; em B', temos uma frase narrativa: *Jesus parou, chamou-os e disse*; a seguir, dois discursos diretos (o diálogo entre Jesus e os cegos).

Portanto, a partir da forma externa desses versículos, ainda que não se correspondam exatamente, existem elementos suficientes para justificar a correspondência simétrica.

Na forma *interna*, de certa maneira temos em B uma “troca” de palavras entre os cegos e a multidão (ainda que não se mencione nenhuma palavra dos cegos dirigida à multidão, mas somente o fato de que esta os repreendia). Nessa “troca” não existe compreensão, tampouco diálogo. Em B', ao contrário, existe uma troca de palavras entre Jesus e os cegos, onde se estabelece um verdadeiro *diálogo* (cf. o comentário, mais adiante). Esta *troca* seria o segundo elemento, do ponto de vista interno, que justificaria uma possível estrutura quiástica.

5. Comparação sinótica

Antes de proceder à análise sinótica, convém notar que Mt 20,29-34 encontra-se em estreita relação estrutural com Mt 9,27-31, onde se narra a cura de dois cegos.

Diferentemente de Mt 20,29-34, Mt 9,27-31 não especifica geograficamente o lugar onde se deu a cura: diz-se que aconteceu *na casa*, mas não a quem pertencia tal casa. A multidão não está presente também no primeiro relato.

Ademais, em Mt 9,27-31, acentua-se o elemento *fé*: Jesus não pergunta aos cegos o que eles *querem* que ele lhes faça, mas pergunta-lhes se *crêem* que ele possa fazer aquilo que parece óbvio: aos cegos, é preciso abrir-lhes os olhos.

Portanto, devido à fé é que eles recuperam a vista: “Esta maneira de manifestar a fé na *autoridade* de Jesus é um caso único, e constitui provavelmente um acréscimo redacional do evangelista”⁷.

O elemento do seguimento é mencionado no início (Mt 9,27), mas desaparece no fim: Jesus ordena-lhes que mantenham o fato em segredo. Os que anteriormente eram cegos, não seguem a Jesus: afastando-se, contam a todos o que lhes aconteceu (Mt 9,30-31).

5.1 Estrutura

A estrutura do relato nos três evangelhos é bastante semelhante, segundo o modelo A-B-B’-A’. Começa-se com uma parte narrativa (o *mise en scène*): Mt 20,29-3a, Mc 10,46-47a, Lc 18,35-38a. A seguir, vem o centro do relato, onde se alternam pequenas frases narrativas, discursos direto e diálogo: Mt 20,30b-33, Mc 10,47b-52a, Lc 18,38b-42⁸. No final, a conclusão do discurso em forma de narrativa.

5.2.1. Particularidades

Apesar de as três estruturas possuírem a mesma forma mais ou menos simétrica, cada uma privilegia alguns elementos, ou está a serviço de uma determinada idéia que o evangelista pretende salientar. A presença ou ausência de determinadas palavras, a repetição de outras, tudo isso está em função de um objetivo. Assim:

5.2.2. Mateus

Já observamos que Mateus estruturou seu relato em função do ensinamento de Jesus acerca da atitude daquele que deseja ser o primeiro ou o maior: tornar-se servo (Mt 20,26-27). Para exemplificar isto, Mateus escolheu a cura dos cegos (já narrada em 9,27-31), situando-a à saída de Jericó, com a nítida intenção de sublinhar também a entrada messiânica de Jesus em Jerusalém: devolver a vista aos cegos era um dos sinais mediante os quais se poderia identificar o Messias. Ademais, a entrada de Jesus em Jerusalém marca o início do maior serviço que ele poderia prestar à humanidade: a doação de sua própria vida.

7. Cf. SABOURIN, L. *II Vangelo di Matteo*. Teologia e Esegese. Vol. II. Marino: Edizioni Paoline, 1977, p. 560.

8. Aqui não se trata de fazer uma análise detalhada da estrutura em Mc e em Lc, mas apenas uma comparação geral.

Parece, ainda, que o evangelista pretende enfatizar o seguimento de Jesus: a repetição do verbo “*seguir*” teria essa função. Em outras passagens de Mateus, Jesus havia convidado expressamente algumas pessoas a segui-lo (cf. 4,17-22; 8,22; 19,21). Aqui não se tem uma palavra, um convite formulado, mas temos, de alguma forma, o chamado de Jesus, e o modo segundo o qual é narrada a cura dos cegos é único: retoma-se a relação direta, física de Jesus com os cegos: chamada, diálogo, comoção e o toque de Jesus. Não seria forçado, de maneira alguma, ver nestes gestos outra maneira de Jesus chamar a si os cegos.

5.2.3. Marcos

O contexto de Marcos é bastante vizinho ao de Mateus (cf. mais adiante). Podemos dizer que também em Marcos o primeiro acento recai sobre o exemplo de Jesus como servo. Notamos, porém, que em Mt isso é muito mais enfatizado: no chamar do cego, no indagar sobre o que desejava mas, acima de tudo, na comoção e no agir com as próprias mãos.

Marcos começa com distinguir bem as personagens: embora “chegaram a Jericó” possa ser apenas uma ajunta redacional de Marcos para harmonizar-se com a saída da cidade, o fato é que ele parece particularizar a saída de Jesus, usando o verbo no singular: “Ao *sair* [Jesus] de Jericó. A seguir, mencionam-se os discípulos e a multidão. Realçando ainda mais a diferença entre as personagens, somente Marcos traz o nome do cego – Bartimeu – e o nome de seu pai Timeu.

Um segundo ponto sublinhado por Marcos parece ser a condição de *marginalizado* do cego e sua *integração*, primeiramente na sociedade (a multidão), depois como discípulo de Jesus. Os elementos que nos fazem justificar essa opinião são os seguintes: o cego encontra-se à margem do caminho e, no final, ei-lo pela estrada, com Jesus. Estas duas frases seriam a moldura do relato marcano. Que o cego se achava igualmente rejeitado pelas pessoas, expressam-no claramente os gritos da multidão, que procurava silenciá-lo e, portanto, forçá-lo a permanecer em sua condição de marginalizado.

O evangelista retoma o elemento da *mediação* das pessoas no processo de integração do excluído na sociedade: Jesus pede a alguém que chame o cego.

A multidão, que antes destratava, agora, na pele dos que “chamaram o cego, dizendo-lhe”, em vez de insultar, dizem palavras de encorajamento e de ânimo: “Coragem! Levanta-te! Ele te chama!”

Não se deve pensar que aquelas palavras fossem como os gritos de torcedores que assistem a um espetáculo qualquer e mudam de coro de acordo com o estado de ânimo (antes gritam uma coisa e depois, talvez ironicamente, gritam outra). Não! As palavras das pessoas são uma *extensão do chamado de Jesus*: o verbo usado por Jesus está no imperativo; a breve frase narrativa retoma-o e o discurso da multidão conclui-se com o chamado. Com efeito, se ainda persistisse a mesma distância espacial e afetiva entre a multidão e o cego, o verbo mais apropriado seria “gritar” (usado antes

pelo cego), que tem até conotação de se produzir um som desagradável. A multidão não “grita” para que o cego venha até Jesus, mas o *chama*, no mesmo tom do Mestre. Diríamos que nas palavras “Coragem! Ele te chama. Levanta-te!” ecoa algo da compaixão e da misericórdia do Mestre. No final, o cego se encontra não mais *à margem* do caminho, mas *em meio* àqueles que seguem Jesus. Completa-se, portanto, a relação pessoa-grupo-Jesus.

No início, os discípulos e a multidão só seguiam Jesus aparentemente. O verdadeiro seguimento é a prática da misericórdia, e não apenas colocar-se no caminho, irrefletidamente. Bem por isso, pelo menos segundo os evangelhos de Marcos e Lucas, os que repreendiam são convidados como que a sair do caminho e dirigir-se à margem, em busca dos marginalizados. Somente depois de demonstrarem compaixão por eles – “Coragem!” – faz lembrar as palavras de Jesus – “Ânimo!” – é que eles podem dizer-se deveras discípulos, seguidores de Jesus não num caminho qualquer, mas no caminho da misericórdia.

5.2.4. Lucas

Em Lc a multidão e os discípulos estão ausentes do começo da cena, como se ele quisesse individualizar Jesus no centro do palco. Sendo o contexto lucano um pouco diferente do de Mc e de Mt, dir-se-ia que em Lc o elemento enfatizado é a *aproximação* do cego a Jesus.

O texto começa dizendo que Jesus *se aproximava* de Jericó, ao passo que os outros dois evangelistas situam a cena quando Jesus *se afastava* da cidade. Imediatamente menciona-se o cego, sem nenhuma outra palavra (ao passo que Mt insere a multidão, e Mc, os discípulos e a multidão).

É interessante notar que o processo de reconhecimento da parte do cego de que se tratava de Jesus é descrito em diversas etapas: o cego primeiramente *ouve* a multidão que passa, a seguir, *pergunta* quem seria e *lhe é anunciado* que se tratava de Jesus.

Ora, em Mt e em Mc, não se percebe esse curso dos acontecimentos: os cegos compreendem imediatamente que se trata de Jesus. Outro elemento que corrobora essa espécie de graduação na percepção do cego é o detalhe acerca das pessoas que repreendiam o cego: Lc diz-nos que eram os que iam adiante. Parece, portanto, que Jesus era precedido por algumas pessoas e que ainda não havia *passado* junto ao cego. Isso pode ser visto ainda mais claramente no fato de que Jesus, *detendo-se*, ordena que o cego *lhe seja conduzido*. Finalmente, o cego *se aproxima* de Jesus: o verbo aproximar-se forma, portanto, uma inclusão (v. 35 e v. 40). Tal como os outros evangelistas, Lc conclui sua narrativa com o ponto mais importante: o seguimento de Jesus.

Em conclusão, podemos dizer que nos três relatos, o ponto comum e mais significativo é, deveras, o *seguimento de Jesus*. O modo como isso acontece aos cegos é enfatizado diversamente por cada um dos evangelistas. Em todos eles, porém, os cegos passam *da margem ao caminho*.

5.3. O contexto literário

Nos três evangelhos sinóticos, a perícopre que estamos estudando encontra-se no contexto da última viagem de Jesus a Jerusalém.

5.3.1. Mateus

Em Mateus, o caminho de Jesus em direção à Cidade Santa pode ter seu início em Mt 16,21, onde Jesus começa a falar abertamente aos discípulos sobre sua paixão⁹.

No evangelho de Lucas, um aceno a esse caminho já se encontra em Lc 9,22: aqui não se fala abertamente de Jerusalém, mas se fala dos “anciãos, sumos sacerdotes e escribas”, cuja morada era justamente Jerusalém. Somente um pouco adiante, no mesmo capítulo (Lc 9,51), diz-se expressamente que Jesus “...tomou resolutamente o caminho de Jerusalém”, pois estavam se completando os dias nos quais seria tolhido do mundo.

Nossa perícopre, em Mt, é precedida pelo episódio dos filhos de Zebedeu e pela palavra de Jesus acerca da atitude de serviço. Geograficamente, está situada depois da saída de Jericó. Portanto, praticamente resta apenas o povoado de Betfagé, sobre o Monte das Oliveiras, por onde Jesus deve passar antes de alcançar seu destino. A cura dos cegos é o último milagre de Jesus antes de chegar à Cidade Santa, onde purifica o Templo (Mt 21,12-13) e começa a última etapa de sua vida com alguns milagres (21,14.19)¹⁰ e muitos outros discursos importantes, referidos em Mt 21,24–25,46.

5.3.2. Marcos

Em Mc 10,46-52, a perícopre segue os mesmos passos que em Mateus: episódio dos dois irmãos e ensinamento de Jesus acerca do ser servo (Mc 10,43-44); a passagem por Betfagé (e Betânia), finalmente, Jerusalém. No relato marcano, Jesus parece ter pressa de prosseguir a viagem: no v. 46a se diz que “chegaram a Jericó”, mas ali nada acontece. Imediatamente, na segunda parte *no mesmo versículo*, ei-los que saem! Portanto, ao que parece, no contexto de Mc esta perícopre tem o mesmo escopo pedagógico que em Mt. O fato de situá-la à saída de Jericó serve para delinear de forma clara, também *geograficamente*, os passos de Jesus rumo a Jerusalém. A menção de Jericó não nos parece ter outro sentido senão este, tanto em Mateus quanto em Marcos.

5.3.3. Lucas

A situação é um pouco diferente em Lc 18,35-42. A perícopre vem precedida pelo terceiro anúncio da paixão. As palavras acerca de quem é o maior serão referidas apenas na última ceia com os discípulos (Lc 22,24-27). Ali estão não apenas os dois irmãos, que são protagonistas, mas todos os discípulos.

9. De acordo com K. STOCK, *Il Cammino di Gesù verso Gerusalemme*, p. 6, o itinerário de Jesus rumo a sua paixão começa em Mc 8,27; pode-se afirmar o mesmo do texto paralelo de Mt 16,21.

10. Podemos considerar a maldição da figueira também como um sinal, um ‘milagre’.

É importante notar que em Lucas o caminho é traçado em etapas, como se este evangelista quisesse demarcar cada passo de Jesus sobre o trecho de estrada diante dele. Jesus já havia passado pela Samaria, sempre dirigindo-se a Jerusalém (Lc 17,11). Uma série de discursos se interpõe ao outro aceno a seu destino final, o qual reaparece depois em Lc 18,31, onde Jesus diz: “Eis que estamos subindo a Jerusalém...”; a narrativa continua com “quando se *aproximava* de Jericó”, quase como se a narrativa funcionasse como uma câmera cinematográfica a mostrar, sem cortes, os passos de Jesus. A cura do cego, conforme já vimos, acontece antes da entrada em Jericó¹¹.

A chegada de Jesus a essa cidade é bem marcada, e até mesmo sua travessia através dela: “E, tendo entrado, atravessava Jericó” (Lc 19,1). Para Lucas, parece importante esse ritmo calmo, sem pressa. Na cidade, ainda existe algo importante a fazer: o encontro com o publicano Zaqueu (Lc 19,1-10), em cuja casa Jesus parece ter ficado o resto do dia.

Ao contrário de Mt e de Mc, Lc não narra a saída de Jesus de Jericó, como se quisesse manter bem viva a memória daquela passagem, indelével, de qualquer modo, na vida de Zaqueu. A referência ao lugar onde se encontrava na ocasião seguinte é repetida mais uma vez em Lc 19,11, “porque estava perto de Jerusalém”, e no v. 28 do mesmo capítulo, encontra-se de novo a alusão à subida para Jerusalém, seguido do acontecimento de Betfagé e da chegada a Jerusalém, como nos demais sinóticos.

6. Comentário

Ao longo da análise, partilhamos a opinião comum segundo a qual Mt 20,29-34 é uma segunda versão de Mt 9,23-31, ambas baseadas em Mc 10,46-52, tendo como poscênio um único evento histórico¹².

6.1. Jesus e a multidão – v. 29

V. 29: “Enquanto saíam de Jericó, uma grande multidão o seguiu”. As personagens que interagem contrastam entre si tanto em número (“grande multidão/Jesus/dois cegos”) como na ação (“seguia/passava/sentados”). Esse contraste colocará em relevo a ação de Jesus.

Já fizemos um breve comentário acerca da geografia do relato. Agora é preciso perguntar a quem se refere este genitivo absoluto: a Jesus e aos discípulos somente, ou está incluída aí também a multidão?

No início do versículo pode-se perceber certa distinção entre os discípulos e a multidão: Jesus e os discípulos *saem* de Jericó e, ato contínuo, a multidão *acompanha-o*, isto é, Jesus.

11. Curiosamente, o cego se encontra ou antes ou depois de Jericó, mas sempre fora da cidade.

12. Cf. SABOURIN, L. *II Vangelo...*, 561, e nota 107.

Perguntemo-nos: onde se encontrava essa multidão? Acompanhava Jesus antes de chegar a Jericó? (em Mt 20,17, Jesus toma os Doze *à parte*, como se outras pessoas estivessem presentes, por exemplo, a mãe dos filhos de Zebedeu, que aparece no v. 20). A multidão saiu da cidade ou os esperava ao longo da estrada? Mateus não quis situar precisamente a multidão. O verbo ‘saíam’ com certeza se refere a Jesus e aos discípulos (é, de fato, um plural): informando que a multidão *seguia* Jesus, talvez interessasse a Mt sublinhar apenas este aspecto do seguimento (como também o demonstra a repetição do mesmo verbo no v. 34), não dando importância ao lugar geográfico onde se encontrava a multidão. Observe-se, porém, que também os discípulos, provavelmente, estão incluídos no “o seguia” (multidão e discípulos seguem a Jesus). Não se diz “os seguia” (uma multidão que seguiria os que teriam saído – Jesus e os discípulos). Multidão e discípulos devem mesmo é seguir Jesus, e isto é dito com um só verbo “o seguiam”: na grande multidão estão incluídos os discípulos.

No que diz respeito ao verbo *seguir*, bastante freqüente em Mt (25 vezes) e usado intencionalmente no início e no fim da perícopes, alguns estudiosos afirmam que se trata de algo próprio de Mateus, paralelo ao do cap. 9,27¹³, ou que não é usado no sentido particular da vocação a seguir Jesus como discípulos¹⁴.

Quanto ao verbo seguir, em Mateus, pode-se dizer que possui um uso *análogo* mas não *igual*, de acordo com a pessoa a quem é aplicado. Uma das características do chamado dos discípulos é sempre o *deixar algo* (Mt 4,20.22; 8,22; 9,9), ou ainda renunciar (Mt 16,24), ao passo que, no caso, a respeito da multidão, não se diz que tenha deixado alguma coisa.

Em todos os evangelhos (também em Mateus) o comportamento de Jesus em relação aos discípulos é diferente do modo como se relaciona com a multidão. A partir dessa constatação, pode-se concluir que o seguimento de Jesus comporta níveis: pode ser um partir e anunciar o bem que o Senhor realizou em alguém (Mt 9,31); pode ser um seguir de perto (Mt 4,20), ou de longe (Mt 26,58) e pode até dar-se independentemente de seguir o Senhor (Mc 9,38-39).

Contudo, no caso concreto que estamos analisando, parece-nos que não se pode excluir que o verbo *seguir* tenha o sentido próprio sugerido sempre por Jesus quando chama alguém. Tratando-se da mesma palavra, é no mínimo razoável conservar aberta a possibilidade, respeitando-se sempre os níveis e os graus do seguimento.

A multidão segue Jesus de maneira bastante oscilante, mas não se pode dizer que os discípulos sejam mais perfeitos do que ela no seguimento. A imperfeição no seguimento, em ambos os casos, não anula a força do chamado de Jesus. Parece que a intensidade do seguimento é proposta a todos. A *forma* de responder, o lucro com o trabalho, nada disso tem muita importância; o que conta é a pronta resposta, é ter trabalhado, é ter seguido sinceramente (cf. Mt 25,15-46).

13. Cf. GUNDRY, R.H. *Matthew...*, 405.

14. Cf. BONNARD, P. *Evangelio...*, 445.

Conforme já observamos, neste *seguir* estão incluídos os discípulos que, diferentemente da multidão, receberam um chamado *peçoal* de Jesus. Recordemos que o mesmo verbo é repetido, no final, aplicado, desta feita, aos dois novos seguidores.

6.2. *Dois cegos e a multidão – v. 30-31*

V. 30: “E eis dois cegos sentados à beira do caminho”. A brevidade de Mateus na composição das cenas oferece um belo paralelismo em seu contraste: do v. 29 ao v. 30, sem acrescentar nada mais, ele insere a oposição clara entre a *grande* multidão que *passa* e os ‘dois’ cegos *sentados à margem*.

Para alguém que, como Jesus, encontrava-se de saída, rumo à Cidade Santa, rodeado de grande multidão tomada de euforia e de entusiasmo¹⁵, seria fácil desdenhar, ignorar ou até mesmo sequer perceber a presença de duas pessoas marginalizadas.

Na tradição sinótica, a situação dos portadores de enfermidades não está relacionada com a doutrina da retribuição – estariam sendo punidas por causa do próprio pecado ou dos pecados dos antepassados, como em Jo 9,1) – mas à idéia de que alguém que fosse punido de alguma forma (assassinato, acidentes) seria mais pecador do que os outros pode ser encontrada em Lc 13,1-3. Provavelmente, na repreensão da multidão existia também o eco dessa mentalidade.

“Ouvindo que Jesus passava”. Certamente os cegos tinham ouvido falar de Jesus antes daquele encontro; do contrário, não teriam começado a gritar a fim de que tivessem piedade deles. O verbo *ouvir*, no aoristo, pode remontar ao momento anterior no qual os cegos ouviram falar de Jesus e acreditaram nele, mesmo antes daquele dia. Naquele momento, compreenderam que talvez tivesse chegado a hora de serem curados.

Jesus – em Mt 2,23 explica-se a designação *Nazareno*. A omissão, aqui, da referência a Nazaré, pode significar que o evangelista quis enfatizar Jesus como Filho de Davi e Senhor¹⁶, ou que não se trata de um contexto de rejeição, como no capítulo 2,23, mas de aceitação: os cegos são crentes-confessores¹⁷.

“Passa” – é um verbo usado raramente nos evangelhos (três vezes em Mateus: 9,9.27, por ocasião da vocação do próprio Mateus, na primeira narrativa sobre a cura do cego e nesta segunda que estamos analisando: 20,30); 3 vezes em Marcos: 1,16; 2,14; 15,21; e 1 vez em João: 9,1). Nas epístolas, é aplicado à transitoriedade do mundo (1Cor 7,31; 1Jo 2,8.17). Observe-se que, em João, a única vez é usada justamente na história da cura do cego de nascença (Jo 9,1)¹⁸.

15. Embora não se mencione explicitamente o ânimo da multidão, não é despropositado supor que uma *grande multidão* faça deveras muito barulho. Certamente pronunciavam o nome de Jesus (só assim o cego poderia saber de quem se tratava) e elevavam a voz para repreender o cego que começava a gritar.

16. Cf. BEARE, F.W. *The Gospel According to Matthew*, 410.

17. Cf. GUNDRY, R.H. *Matthew...* 405-406.

18. Cf. BEARE, F.W. *The Gospel...*, 410.

“Puseram-se a gritar” – o centro da perícopé é marcado pela voz (emoldurada por um silêncio a que chamaríamos de ‘literário’): os gritos dos cegos, as repreensões da multidão; de novo o grito dos cegos e, por contraste, a voz de Jesus; por fim, não mais os gritos, mas a voz dos cegos a conversarem com Jesus. Os verbos, ademais, são bastante eloqüentes: “gritavam”, “dizendo”, “repreendiam”, “(para que se) calassem”, “chamaram”, “disse”, “disseram”. Como não podiam enxergar cores e movimentos, toda essa riqueza de verbos recria bem a atmosfera a partir da situação dos cegos, cuja sensibilidade auditiva era certamente aguçada.

Já observamos que a multidão, por certo, fazia barulho. No entanto, a partir da perspectiva meramente literária, a ausência de qualquer palavra que indique ruído, no v. 29 (também no final, no v. 34), produz um efeito interessante: é como se o evangelista usasse os olhos para descrever, numa pincelada, a saída do cortejo de Jericó e, a seguir, se colocasse ao rés do chão, junto com os cegos, e começasse a ouvir o crescente rumor dos que se aproximavam. Eles gritam forte, a multidão aumenta o tom para fazê-los calar; eles reforçam mais ainda o clamor, até que a voz de Jesus acalma a todos, e tudo, enfim, volta ao ‘silêncio literário’ do começo: depois que Jesus, movido de compaixão, toca os olhos dos cegos, ele não diz mais nenhuma palavra. Diferentemente do cego em Lc 18,43, que “seguia a Jesus, *glorificando* a Deus”, e da multidão que, “vendo o acontecido, *celebrou os louvores* de Deus”, os cegos de Mateus não manifestam nenhuma reação. Podemos imaginar-lhes a alegria, os pulos de contentamento, as mil e uma formas de gratidão. Para Mateus, com certeza, tudo isso está expresso na densa e concisa frase: “*E o seguiram*”. É quanto basta.

“Tem compaixão de nós” – a primeira palavra com a mesma raiz deste verbo a aparecer em Mt é o adjetivo ‘compassivo’, na quinta bem-aventurança (Mt 5,7). Dada a importância que o Discurso da Montanha possui no evangelho de Mateus, a invocação dos cegos adquire um significado preciso e importante.

Podemos perguntar-nos: por que os cegos (também o do cap. 9,27), a mulher siro-fenícia (Mt 15,22s) e o homem anônimo de Mt 17,14 dirigem-se a Jesus daquela maneira? Teriam podido, talvez, utilizar outras fórmulas (como, por ex., Mt 8,2.6).

No texto que estamos analisando, vale observar ainda a repetição da mesma invocação, no v. 31: em vez de dizer imediatamente aquilo de que tinham necessidade, apelam uma segunda vez para a compaixão do Senhor. Em primeiro lugar, esta repetição e adiamento pretendem sublinhar a *misericórdia* do Senhor; em segundo lugar, estão em função do *diálogo* que se estabelecerá entre Jesus e os cegos. Podem ainda ilustrar, de alguma forma, o que Jesus havia dito sobre a insistência na oração (Mt 7,7-8).

Note-se que, no caso da mulher cananéia e do pai cujo filho estava enfermo, logo depois do apelo à misericórdia, expressa-se qual deveria ser o objeto da compaixão de Jesus: “Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim: a minha filha está horrivelmente endemoninhada” (Mt 15,22); “Senhor, tem compaixão de meu filho, porque é lunático e sofre muito com isso” (Mt 17,15).

O tema da misericórdia é fundamental na vida de Jesus: nas controvérsias com os fariseus, vê-se claramente como Jesus insiste na misericórdia (Mt 9,9-13; 12,7;

23,23), ressaltando-lhe os elementos essenciais: a compreensão e a compreensão pelas enfermidades dos outros – fundada em sua própria experiência (Hb 2,17s) – e a ajuda real e eficaz¹⁹.

Ouvindo o grito dos cegos, Jesus age coerentemente com sua atitude misericordiosa demonstrada amiúde nos evangelhos, mostrando-se fiel ao que ele próprio havia ensinado (Mt 5,7; 18,23-25).

“Filho de Davi” – parece um título messiânico bastante significativo para Mateus: ele o usa sete vezes, ao passo que Mc e Lc o trazem apenas nas passagens paralelas ao presente texto e em nenhuma outra parte do seu evangelho. Não se encontra também no restante do Novo Testamento²⁰.

V. 31: “A multidão repreendeu-os para que se calassem” – a multidão, embora seguindo Jesus, revela quão imperfeito é ainda tal seguimento: não demonstra nenhuma compaixão pelos cegos e procura até apagar-lhes a esperança de salvação. Aliás, uma multidão, como tal, não é capaz de nenhuma relação pessoal e profunda com ninguém. Num grande aglomerado, as pessoas como que diluem a própria identidade, perdendo o rosto, o nome, a individualidade, transformando-se numa espécie de massa informe viva, que já não pensa, apenas reage aos estímulos exteriores.

Por que os cegos deviam ficar em silêncio?²¹ Por que aquela voz incomodava a multidão, que certamente não se comportava como em uma ‘procissão’ ou num cortejo fúnebre? Por que não a deixaram simplesmente perder-se em meio ao vozerio reinante? Por que queriam tolher a voz àqueles que já estavam privados da vista?

Talvez porque a voz daqueles marginalizados destoava da atmosfera geral; porque ela revelava a própria falta de solidariedade e compaixão daquela turba: os cegos não se dirigiam à multidão, pois sabiam que dela nada mais podiam esperar do que desprezo e indiferença. Nem sequer ousaram pedir-lhe que os conduzisse a Jesus, que os aproximasse deles: apelaram apenas para aquilo de que ainda dispunham: a voz, que brotava de uma profunda fé.

Talvez bem por isso, em Mt, a multidão não faz as vezes de mediadora entre os cegos e Jesus: ele mesmo é que chama os cegos, o que enfatiza ainda mais a relação pessoal com eles.

Em Lc 18,39, por exemplo, “os que estavam à frente repreendiam-no”, mas Jesus, de alguma maneira, serve-se de alguém para que o cego lhe ‘seja trazido’. Já em Marcos, quem repreende são os “muitos”; sem especificar a quem a ordem é dada, Jesus simplesmente diz: “Chamai-o!”, e sua ordem é obedecida: “Chamaram o cego”

19. Cf. STOCK, K. *Discorso della Montagna*, 87.89.90.

20. Cf. BEARE, F. W. *The Gospel...*, 411.

21. Não é de todo improvável que existisse certa motivação política também: a exclamação “Filho de Davi” podia levar a uma explosão messiânica extemporânea, especialmente quando se tem em conta que Jericó era também a residência dos chefes políticos durante o inverno, como era o caso de Herodes o Grande (cf. SABOURIN, L. *Il Vangelo...*, 856; BONNARD, P. *Evangelio...*, 445).

(Mc 10,48). Aqui, porém, como já vimos, a participação dos que chamam o cego é bastante sublinhada.

Do ponto de vista narrativo, em Mt a multidão funciona também como elemento de tensão a dificultar a realização do desejo dos cegos, como a testá-los. Teologicamente, podem-se vislumbrar aí também as dificuldades ou provações a que o Senhor submete, às vezes, as pessoas, antes de escutá-las. Por exemplo, antes de atender à mulher cananéia, o Senhor coloca-lhe à prova a fé²²: primeiramente com um silêncio desconcertante (“Ele, porém, *nada lhe respondeu...*”); depois, com palavras desencorajadoras: “Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos” – Mt 15,23.26). No final, tendo constatado a grandeza da fé daquela mulher, fez-lhe a vontade.

Do relato de Mt 9,27-31, deduz-se que os cegos continuaram a gritar em direção a Jesus durante um bom pedaço de caminho, sem que ele parasse ou lhes dirigisse palavra, até que entrasse em casa. Aquele pai de família (Mt 17,15), pensava que os discípulos de Jesus fossem capazes de ajudá-lo; no entanto, foi desiludido. Antes de realizar o milagre, Jesus dirige uma repreensão que, ao que parece, não poupa sequer aquele pai (Mt 17,17).

Portanto, a atitude da multidão desafia a fé dos cegos, que não esmorecem e gritam ainda mais fortemente, até que Jesus os escute: Jesus ouve a voz dos necessitados até mesmo em meio ao barulho de alegria ou de repreensão da multidão.

6.3. Os dois cegos e Jesus – v. 32-34

Ao que parece, a essa altura da narrativa, o barulho cessou. Não há mais gritos. O diálogo entre Jesus e os necessitados encontra-se no centro da perícope.

V. 32: “Jesus parou, chamou-os e disse: ‘Que quereis que vos faça?’ Responderam-lhe...” – Jesus pára. Esta forma verbal salienta mais o gesto de Jesus.

Se, normalmente, quando caminhava, o mestre não era precedido por nenhum discípulo, mas todos o acompanhavam, supõe-se que Jesus já havia passado ‘ao lado’ dos cegos, ou está passando justamente naquele momento diante deles. Assim se pode compreender o fato de que tenham ouvido a multidão mencionar o nome de Jesus.

“Chamou-os” – Jesus mesmo chama. Ainda que este verbo não tenha o mesmo valor teológico de chamar, de qualquer forma se trata de um chamado da parte do Senhor. Chamar a si significa: aqueles que estavam estáticos, devem mover-se em direção ao Senhor, sair da margem e entrar no caminho.

22. Mais do que apresentar uma suposta faceta intolerante e nacionalista de Jesus, creio que esse relato apresenta um itinerário de fé e de humilde confiança. Afinal, se Jesus quisesse realmente restringir-se a Israel, por que iria justamente para a região de Tiro e Sidônia? Ademais, mesmo repetindo a frase preconceituosa vigente entre os judeus, Jesus não parece endossá-la, pois até usa o diminutivo “cachorrinhos”. Por fim, acima de tudo, Jesus, que havia ensinado que são “bem-aventurados os misericordiosos” (Mt 5,7), que havia tido compaixão dos cegos que suplicavam: “Filho de Davi, tem compaixão de nós!” (Mt 9,27), iria humilhar ou desdenhar uma mãe que apelava explicitamente para a sua compaixão, com o mesmo clamor que lhe haviam dirigido os cegos – “Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim...”? Que a intenção de Jesus fosse sondar a fé daquela mulher, demonstra-o sua declaração final: “Mulher, grande é a tua fé!” (Mt 15,28).

Mateus não diz que alguém conduziu os cegos, nem mesmo que estes se moveram; no entanto, se Jesus estava parado e, teologicamente, não ‘podia’ sair do caminho²³ (afinal era o caminho que o levaria a Jerusalém, sua meta final), para poder tocar os olhos dos cegos, obviamente era preciso que estes se aproximassem.

“Que quereis que vos faça?” – à primeira vista parece uma pergunta estranha, supérflua, talvez. De resto, não era claro o que os cegos queriam? O grito e a situação deles eram mais que eloqüentes: o que mais pode desejar um cego senão ver a luz e, portanto, a Luz?

Se Jesus já ensinara que “o vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de lho pedirdes” (Mt 6,8), qual a razão de manifestá-lo? Por outro lado, Jesus ensinou também a pedir, a buscar, a bater à porta (cf. Mt 7,7). Seria uma contradição? Deus estaria fazendo-se de rogado? Jesus estaria sendo irônico com os cegos?

No fundo, deparamo-nos aqui com o tema do nosso relacionamento com Deus a que usualmente chamamos de ‘oração’ que, dada nossa condição ontologicamente mendicante, na maioria das vezes é de petição.

Existem muitas formas de pedir: pela palavra, pelo gesto, pelo silêncio. O modo como se pede é relativo; importante é a *atitude* no pedir, a fonte e a motivação de onde brota realmente o pedido.

A esse propósito, ensina o apóstolo Tiago: “Se alguém dentre vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a concede generosamente a todos, sem recriminações, e ela ser-lhe-á dada, *contanto que peça com fé, sem duvidar*, porque aquele que duvida é semelhante às ondas do mar, impelidas e agitadas pelo vento. Não pense tal pessoa que vai receber alguma coisa do Senhor, dúbio e inconstante como é em tudo o que faz” (Tg 1,5-7).

No episódio paralelo anterior, em Mt, o grito dos cegos traz apenas o título messiânico “Filho de Davi”, aceito com reservas por Jesus, devido às expectativas meramente humanas ligadas a esse epíteto. No momento em que indaga da fé dos cegos, eles o chamam de “Senhor”. Em nossa perícopa, os cegos invocam Jesus como “Senhor” por três vezes: nisto estava manifesta a atitude de fé deles.

Por conseguinte, não basta pedir; é preciso que o pedido seja acolitado pela fé. Ademais, se a intenção não for correta, o pedido não será atendido. Mais uma vez nos ensina o apóstolo Tiago: “Pedis, mas não recebeis, porque pedis mal, *com o fim de gastardes nos vossos prazeres*” (Tg 4,3).

Assim, o pedido da mãe dos filhos de Zebedeu, juntamente com seus filhos, não foi atendido por Jesus: eles não prestaram atenção à promessa escatológica de Jesus,

23. A atitude de Pedro em Mt 16,22, “tomando-o à parte”, justamente por ocasião do primeiro anúncio da paixão e, portanto, início efetivo do caminho de Jesus para Jerusalém, pode ser lida como uma tentativa de dissuasão, de ‘tirar Jesus do caminho’.

segundo a qual se sentariam em tronos para julgar as tribos de Israel (Mt 19,28) e fecharam os ouvidos ao anúncio da paixão iminente de Jesus (Mt 20,17-19), apegando-se a uma expectativa de poder terreno: na linguagem de Tiago, podemos dizer que eles visavam mais ao ‘prazer’ de mandar do que à *alegria* de servir. Por terem pedido mal, por não saberem o que estavam pedindo (cf. Mt 20,22), não foram atendidos.

Na pergunta de Jesus – “Que quereis que vos faça?” – percebe-se claramente ainda a diferença entre a atitude de Jesus e a da multidão: entre esta e os cegos não houve nenhum relacionamento humano positivo: os cegos gritavam, pediam o socorro do Senhor, enquanto a multidão queria silenciá-los. Jesus, em contrapartida, percorrendo seu caminho, não parecia ter pressa e não perde nenhuma oportunidade de demonstrar misericórdia. Não se preocupa em demorar-se um pouco. Sua pergunta, que espelha interesse pessoal pela situação dos cegos, instaura o diálogo e inaugura uma relação especial com eles. Não nos esqueçamos o grande valor que tem o som para quem é cego: na condição de cegos, a única coisa que eles podiam ‘ver’ de Jesus era sua voz.

Na pergunta de Jesus, transparece a disponibilidade de quem se põe a serviço: “Que quereis que vos faça?” Não se trata da subserviência do escravo, mas da atitude consciente de um Mestre e Senhor que se faz servo, estando pronto também para corrigir caso o pedido seja inconveniente (cf. Mt 20,21-23).

Conforme já acenamos, esse breve episódio pretende ilustrar precisamente o ensinamento sobre o serviço. No evangelhos, são narradas diversas curas, mas Jesus as realiza sem propriamente entabular um diálogo nesses termos com o necessitado. Somente aqui em Mt 20,32 e nos textos paralelos de Mc 10,50 e de Lc 18,41, a pergunta é dirigida ao(s) cego(s): “Que quere(i)s que eu (vos) te faça?” Já no relato paralelo do próprio Mateus, antes de curar os cegos, Jesus convida-os a expressar verdadeiramente a própria fé: “Credes vós que tenho poder de fazer isso?”

Ao dirigir-se aos cegos daquela forma, Jesus dava-lhes a oportunidade de expressar sua fé, seus próprios sentimentos e desejos. Aos marginalizados – cegos, coxos, surdos, leprosos –, tidos como pecadores castigados, segundo os parâmetros da doutrina da retribuição, não cabia falar; não tinham nada a dizer. Jesus, antes de dar a vista aos cegos, dá-lhes a graça de expressar-se como seres humanos, e não apenas usar a voz submissa para mendigar, ou a voz esganiçada para gritar pedindo ajuda.

Aliás, interessar-se pela situação das pessoas, por suas dificuldades e angústias era um traço distintivo de Jesus: ao paralítico, que havia trinta e oito anos jazia junto da piscina de Betesda, Jesus pergunta: “Queres ficar curado?” (Jo 5,6), enquanto se dirige a Madalena (Jo 20,15) com as ternas palavras: “Mulher, por que choras?” Aos discípulos que o haviam abandonado e negado, no primeiro encontro junto à margem do lago, em vez de reprimendas, anonimamente indaga: “Jovens, acaso tendes algum peixe?” (Jo 21,4), e aos discípulos que abandonavam o palco da tragédia em Jerusalém põe-se

ao lado deles naquele breve e ao mesmo tempo interminável caminho, e dirige-lhes palavras que começam a aquecer-lhes o coração: “Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando”? (Lc 21,4).

V. 33: “Senhor, que os nossos olhos se abram”. Embora eventualmente se pudessem entender com essa frase o simples abrir das pálpebras (alguém pode ter os olhos – pálpebras – abertas e não enxergar), é evidente que aqui se trata do recuperar a visão.

Quanta emoção e quanta esperança não deverão ter acompanhado esse pedido tão simples e tão evidente. Pela primeira vez na vida os cegos encontravam-se diante da possibilidade de realizar o sonho havia tanto tempo acalentado. Para eles, que se haviam orientado pelos outros sentidos, pressentindo que existia um mundo mais amplo do qual eles estavam excluídos, poder enxergar era como um verdadeiro nascimento. Nesse pedido, estava contida a vida daquelas duas pessoas: é como se pedissem para que se lhes abrissem não apenas os olhos, mas a porta do mundo, dos corações das outras pessoas, que até então só sabiam dirigir-lhes palavras desdenhosas. Era como pedir que também o céu se abrisse, que a misericórdia de Deus se lhes revelasse enfim. Sim, porque, com toda probabilidade, aqueles cegos carregavam o peso da certeza de que, se nasceram assim, era porque Deus os castigava de alguma forma, consoante a mentalidade vigente. Como quem sintoniza com a história de marginalização e sofrimento daquelas pessoas, Jesus comove-se.

V. 34: “Movido de compaixão, Jesus tocou-lhes os olhos e, imediatamente, eles viram. E o seguiram”.

Ouvindo o que os cegos desejavam, Jesus comoveu-se, outro detalhe que confirma a emoção e a singularidade desse encontro.

Este detalhe é digno de nota em Mateus porque ele quase sempre omite as reações ou emoções das personagens. Enquanto Marcos descreve toda uma cena onde o cego se levanta, salta, joga fora o manto, Mt omite tudo isso. No entanto, é o único a referir-se à comoção de Jesus.

Em Mt este verbo é usado cinco vezes (em Mc aparece quatro vezes e Lc, três vezes). Mateus parece conservá-lo em referência quase sempre e apenas a Jesus, e sempre diante de alguém em grande necessidade: três vezes diante da multidão aflita e desamparada (cf. Mt 9,36), com muitos enfermos (cf. Mt 14,14) e faminta (cf. Mt 15,32).

Em Mt 18,27, esta palavra está inserida no relato de uma parábola sobre a necessidade de perdoar sempre. No final, Jesus conclui: “Eis como meu Pai celeste agirá convosco...”, o que levaria a identificar o senhor da parábola com Deus, em vez de com Jesus. Mas a identificação com Jesus parece ser possível também.

No texto analisado, a comoção de Jesus é diante de dois cegos. Jesus lhes toca os olhos. Não seria exagerado dizer que também o tato, a cútis funcionam como um ‘grande olho’, altamente sensível para quem é cego. Sentir o toque de Jesus foi certamente importante para os cegos (e também para o relato, do contrário Mateus não o teria mencionado).

Se Jesus tivesse simplesmente curado os cegos, sem nenhuma palavra, sem gesto algum, talvez não tivesse existido o relacionamento profundo e a resposta positiva que se mostrará pouco depois quando os ex-cegos o seguirão. O diálogo e o gesto de Jesus, mais do que em função da cura (poderia tê-la realizada como em Mc e em Lc, apenas com a palavra) estavam em função do chamado e, conforme já acenado, exemplifica a atitude de serviço.

“E o seguiram”. A reação mais eloqüente, de alegria, de gratidão, dos que foram curados foi o colocar-se no seguimento do Senhor, o único a quem eles, no fundo, queriam realmente ver. A omissão da expressão “pelo caminho” deixa entender que o seguimento não se restringia, neste caso, a acompanhar Jesus pela estrada que levava a Jerusalém, mas sim, *a atitude constante do discípulo*.

Os cegos, agora, vendo e seguindo o Senhor, são o sinal vivo de uma realidade: Jesus, subindo para cumprir o mistério de sua Páscoa, atrai todos a si e não deixa ninguém à margem do caminho.

8. Conclusão

Nosso estudo de Mt 20,29-34 mostrou que esta perícopa está bem inserida no contexto do evangelho de Mateus; é um relato bem estruturado e rico de elementos, estilizado ao máximo a fim de fazer emergirem os traços ideais de Jesus Messias compassivo, que se dirige rumo a Jerusalém.

Tendo sido pensada sobretudo a fim de ilustrar as palavras de Jesus em Mt 20,28, pode-se dizer que o primeiro escopo da narrativa é também parenético: os seguidores de Cristo devem observá-lo em sua atitude de serviço e imitá-lo: atentos como Jesus que, em meio à multidão, ouve o grito dos necessitados; disponíveis como ele, que se detém e se volta a quem o chama; compassivos e operantes no bem como Jesus, que serve aos cegos.

O relato não se fecha nesse aspecto somente, como já o demonstramos; aponta ainda para Jerusalém (a expressão *seguiam-no*, no v. 34, devolve todo o movimento à narrativa, suspenso no centro da perícopa).

Ademais, o tipo de serviço que Jesus oferece naquele momento (a cura dos cegos) e o título que os cegos lhe dão são elementos que se ligam às perícopes subsequentes, que mostram que aquele que serve é o Filho do Homem (Mt 20,28), mas é também Filho de Davi, o Messias esperado por todos.

REFERÊNCIAS

- BEARE, F.W. *The Gospel According to Matthew. A Commentary.* Oxford: Basil Blackwell, 1981.
- BONNARD, P. *L'Évangile Selon Saint Matthieu.* Trad. espanhola P.R. Santidrian: Evangelio Segun San Mateo. Madri: Ediciones Cristiandad, 1976.
- GUNDRY, R.H. *Matthew. A Commentary on His Literary and Theological Art.* Grand Rapids: Michigan, 1983.
- SABOURIN, L. *Il Vangelo di Matteo.* Teologia e Esegese, vol. II. Marino: Edizioni Paoline, 1977.
- STOCK, K. *Il Cammino di Gesù Verso Gerusalemme.* Marco 8,27–10,52. Roma: PIB, 1989 (apostilhas).

Paulo F. Valério
Av. Herculano Bandeira, 471
51110-131 Recife, PE
paulo_valerio@uol.com.br